ANO XXVII—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Novembro de 1951—N. 10

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Os Fenômenos Psíquicos	*Redação*
Determinismo e Livre Arbítrio . .	*Gilson de M. Henriques*
Vozes autorizadas	*Spártaco Banal*
"O Espiritismo e a Igreja" . . .	*Lima Filho*
A Alma dos Animais	*Ismael Gomes Braga*
Terceiro Milênio	*Maj. Levino Cornélio Wischral*
Livros e Autores	*Leopoldo Machado*
Ler nas Nuvens	*Arnaldo S. Thiago*
A Morte, Indústria dos Vivos . .	*Coronel Faure da Rosa*
Mais nicanorbarretismo insubsistente	*Leopoldo Machado*
Almas Gêmeas	*Pereira Guedes*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1951 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Os Fenômenos Psíquicos

Os anais do psiquismo estão abarrotados dos mais variados factos comprobativos da sobrevivência individual, pesquisados e estudados a fundo por sábios de comprovada idoneidade, muitos dos quais, convencidos de que se tratava de refinado embuste, puseram-se a investigá-lo sob o mais rigoroso controle científico com o fito de desmascarar os supostos embusteiros ou fraudulentos, mas terminaram as suas investigações rendendo-se à evidência dos factos, como por exemplo o grande criminalista italiano, Cesar Lombroso, que fez a seguinte declaração: «Envergonho-me de ter ridicularizado os fenômenos do Espiritismo. Tenho hoje a certeza de que são um facto, e eu sou escravo dos factos».

O Espiritismo, que não é uma doutrina humana, mas sim dos Espíritos Superiores, encarregados de espiritualizar a humanidade, não só apresenta factos sôbre factos, que não podem ser negados nem mesmo pela má fé dos negativistas sistemáticos, como também os estuda e esclarece à luz da razão, do raciocínio, da lógica.

Muitos pretendem menosprezar os estudos espiritas atribuindo-lhes o carácter de demasiado misticismo, ignorando por completo a finalidade desta doutrina e os objetivos da maioria dos experimentadores, que visam encontrar o maior número possível de provas a favor da Verdade, afim de que todos, indistintamente, entrem na posse da verdadeira felicidade, que deve ser uma aquisição do espírito através dos conhecimentos adquiridos em todos os ramos da atividade humana e sobretudo no campo espiritual, em que a prática da moral evangélica é a base do aperfeiçoamento do espírito.

Demonstrando através dos fenômenos ou factos espíritas a existência do espírito e sua sobrevivência após o tombo do corpo somático, o Espiritismo deu o tiro de misericórdia na morte, êsse espantalho que anda amendrontando os fracos de espírito, os descrentes, em suma os que por ignorância medem a vida do berço ao túmulo.

Ernesto Bozzano, um dos maiores experimentadores e estudiosos dos fenômenos psíquicos, autor de diversas obras científicas e filosóficas espíritas, entre as numerosas e variadas provas da existência e sobrevivência do espírito, cita uma série de casos de aparições de defuntos no momento da morte, dos quais transcrevemos a seguir alguns, dando assim cumprimento ao programa desta revista, que se resume a estudar e propagar todos os factos espíritas.

Ei-los:

—

Na vida do Rev. Dwight Moody, dos Estados Unidos, escrita por seu filho (pag. 485), encontra-se a seguinte narração dos seus últimos momentos:

«Súbito ouviu-se murmurar: «A terra vai se afastando, abre-se o céu diante de mim; já entrei nas suas fronteiras; Deus espera-me.

Não me chameis; tudo isto é belo; dir-se-ia uma visão de extase. Se a morte assim é, como ela é doce!...»

A sua fronte reanimou-se, e com uma expressão de inefável arrebatamento — «Dwight! Irene! vejo os meus meninos» (aludia a dois de seus netos que eram mortos).

Depois voltando-se para sua mulher, lhe disse: «Sempre foste para mim uma boa companheira». Proferidas estas palavras, perdeu a conciência».

—

O professor A. Pastor, do Liceu Real de Genova, num interessante artigo publicado na «Fanfulla d'ella Domenica», n.º 36, de 1887, refere de si mesmo, o seguinte:

«Tive uma doença muito grave. No período da crise, em que tinha perdido completamente a consciência da dôr física, o poder da imaginação tinha aumentado extraordinariamente em mim, e numa confusão bem distinta (duas palavras que parecem inconciliáveis e que todavia são as únicas que podem traduzir o meu pensamento) via nitidamente a mim mesmo quando creança, mancebo, adulto, nas épocas de minha existência: num sonho, mas um sonho mais forte, mais intenso, mais vivo. E neste espaço imenso, azul, luminoso, minha mãe vinha ao meu encontro — minha mãe morta ha quatro anos. E' uma expressão inexprimível. Depois disso, lendo Phédon, pude melhor compreender Sócrates.»

—

Hudson Tutte refere assim um outro caso, vindo ao seu conhecimento:

«Ha alguns anos produziu-se na cidade de Hartford um facto bem comovente. Quem m'o comunicou estava de tal modo convencido da natureza supranormal do que tinha presenciado, que a impressão lhe ficou bem gravada na mémória.

Vive ainda no Estado de Ouest; é um homem prático, positivo — a pessoa mais incapaz de deixar-se levar por fantasia.

Na circunstância de que me ocupo, velava êle à cabeceira dum moribundo, tipógrafo de profissão. Na última hora o agonizante ia-se extinguindo pouco a pouco. A respiração, cada vez mais oprimida, tornara-se muito lenta e muito difícil. Enfim chegou o momento em que o assistente o julgou morto.

Mas de repente as pálpebras se lhe abriram, animados por uma impressão de grande surpreza, como reconhecendo alguém; com o rosto iluminado pela embriaguez da alegria, exclamou: «Vós, vós minha mãe!» E caiu morto sôbre o travesseiro.

Ninguem jamais poderia persuadir-me — disse o relator deste facto — que este homem não apercebeu realmente sua mãe diante dêle.»

—

Eis aì três casos interessantes, aliás muito comuns, porque conhecemos inúmeros casos em que os moribundos viram os seus parentes e amigos mortos ha tempos, sobretudo seus pais. E embora comuns, constituem prova cabal da continuidade da vida em outro plano, o espiritual, para onde todos nós temos que ir impreterivelmente, a qualquer momento.

Determinismo e Livre Arbítrio

EMOS feito parte de algumas interessantes palestras de cunho doutrinário e, em uma delas, com a presença do nosso prezado confrade Ozorio Pacheco, firme batalhador pela difusão dos grandiosos ensinos do Mestre—tratou-se, especialmente, do tema acima: o determinismo e o livre arbitrio.

Fazia parte do nosso grupo, entretanto, um desses espíritos teimosos que apesar de ser portador de cultura e ciência, ainda não penetrou nas subtilezas reveladas pelo espiritualismo.

Depois de debatermos vários assuntos, a palestra ficou bastante animada e se firmou quando o nosso amigo teimoso, sacando a espada da sua palavra facil e rica de conhecimentos, nos disse: não posso compreender como vocês espíritas, ás vezes, homens inteligentes, pro-

clamam e defendem, com ardor, duas coisas inteiramente incompativeis — o livre arbitrio e o determinismo.

Dizia-nos: vocês emprestam ao livre arbitrio uma função muito importante. Dizem que por ele o homem manifesta o seu grau de evolução dentro do conceito universal do Bem e do Mal. Argumentam que cada um de nós tem livre escolha de agir segundo a sua própria vontade pelo que nos tornamos responsáveis diretos pelos átos que praticamos. Ora, se vocês reconhecem que o homem, sêr inteligente, tem a faculdade de assim proceder, como podem, vocês espíritas, reconhecer o determinismo? Segundo este não está tudo prescrito, preestabelecido, devidamente definito e determinado por um poder superior à nossa vontade? Deus, não é assim que pensam vocês, tudo vê, sabe e dirige? Portanto, Deus dirige a vontade do homem e, mantendo ascendência sôbre êle, controla o seu livre arbitrio, não sendo, por isso, o homem, o único responsável pelos seus atos. O poder que tem Deus de controlar e de tudo dirigir segundo a sua vontade, isenta a humanidade de seus erros e de suas culpas.

Gostaria de transmitir ao leitor o entusiasmo, o grande calor dos debates. Isto não nos sendo possível, sintetizaremos os exemplos que foram invocados para a bôa elucidação da tese.

Assim é, argumentou-se, que necessitamos estabelecer a distinção entre um e outro, e saber até onde vai o determinismo e onde começa o livre arbitrio. As definições pouco esclarecem, mas os factos sempre ilustram, razão pela qual fugiremos das primeiras e buscaremos os exemplos:

O espírito tem que evoluir e progredir, isto é determinismo, mas o tempo que levará para atingir os graus mais elevados do conhecimento humano, dependerá do seu esfôrço e dos meios de que lançar mãos para atingir aquele fim, isto é livre arbitrio.

O homem, no transcurso de sua vida terrena, passa por três fases principais do seu desenvolvimento físico: infância, mocidade e velhice; isto é determinismo.

Na primeira fase ha pouca responsabilidade porque, nela, justamente, estão se desenvolvendo os orgãos da razão e da inteligência; na segunda, desponta a personalidade e com esta manifesta-se o livre arbítrio.

Daí por diante, com a bagagem que o espírito trouxe de outras encarnações e com os conhecimentos já adquiridos nesta, inicia-se a sequência de atos em que o livre arbítrio prepondera, conduzindo-se, pois, o próprio espírito para o Bem ou para o Mal, para o aproveitamento edificante ou para a queda comprometedora.

A reencarnação é determinismo, mas o aproveitamento, por parte do encarnado, dessa oportunidade, conduzindo-se ou não para a sua própria elevação moral e espiritual, é livre arbítrio.

Quando o espírito tem que passar por uma prova, como por exemplo, a da riqueza, é determinismo o ter que se enriquecer, mas, quanto a sua vitória ou a sua derrota espiritual, segundo os meios e os modos com que empregou ou aplicou os bens recebidos — isto é livre arbítrio.

Quando os espíritos afirmam que os tempos estão chegados, relembrando as predições dos profetas e mesmo as palavras de Jesus, anunciando modificações no planeta após o ano 2.000, isto é determinismo.

Se os espíritos encarnados creem nessas comunicações e se procuram evitar a repetição, para consigo mesmos, do que aconteceu aos «Egressos de Capela», que por não terem alcançado a evolução superior, tiveram de reencarnar na Terra, planeta inferior, isto é do livre arbítrio de cada um.

Os espíritos deverão se despojar dos seus impulsos e de suas paixões materiais para poderem alcançar melhores regiões celestiais, isto é determinismo, mas, se permanecem obstinados e endurecidos, e não se esforçam para se libertarem dos seus véus materiais, isto é livre arbítrio.

Toda encarnação tem uma finalidade para o espírito e êste, lançado no mar da vida, tem que enfrentar a tempestade e aproveitar a bonança.

Todos temos, senão muitas, alguma cousa a corrigir; uns conservam o instinto da ambição, do poder, revelam egoísmo, vaidade e orgulho; outros, mostram-se abnegados, cheios de renúncias,

indiferentes aos altos humanos, revelam humildade e simplicidade.

A Divina Providência a todos fornece os meios e os instrumentos para o combate aos maus impulsos e à purificação dos sentimentos, isto é determinismo, mas, se todos sabem compreender e usar tais instrumentos, é livre arbítrio.

O determinismo é uma Lei Divina que se aplica a todos os sêres e a todas as cousas, ao passo que o livre arbítrio é um dom do espírito, uma qualidade inherente a cada um de nós.

Enquanto o primeiro é universal, o segundo é pessoal, de âmbito restrito; aquêle está destinado a cumprir um inexoravel dever de progresso coletivo, quais ponteiros de relógio perfeito a assinalar ou a disciplinar os acontecimentos; êste, o livre arbitrio, é variável, instável, imperfeito, cheio de dúvidas e de enganos, até que, após inúmeros atritos, aprende a distinguir, a sentir, a meditar e a decidir com acerto, sem ferir e sem prejudicar a harmonia das leis eternas de Deus.

O determinismo quando faz sentir os seus efeitos ou o seu império, quer seja no geral como no particular, assinala, indiferentemente, uma fase de evolução coletiva ou individual, ao passo que o livre arbitrio jamais perde o seu característico de individualidade.

Pelo determinismo Deus revela a sua vontade suprema e pelo livre arbitrio o espírito aprende a respeitar essa vontade, a compreender as leis universais e adquire a vontade de voltar a Deus, amando-O.

Notamos, leitor amigo, que os espíritas que compunham o grupo ficaram contentes e mostravam-se satisfeitos com os resultados da longa palestra e que o espírito teimoso ficára um tanto meditativo. Terá sido bôa a semente? Deus queira.

Gilson de Mendonça Henriques.

VOZES AUTORIZADAS

SPÁRTACO BANAL.

XXXVII

Grande número de indivíduos consideram escandaloso discutir a realidade dos fenômenos maravilhosos do Espiritismo; entretanto, seria impossível exagerar-lhes a importância científica se pudessemos sómente demonstrar a décima parte dos seus testemunhos dignos de fé.

Henry Sidgwick.

(Eminente professor, já desencarnado).

XXXVIII

Oh! que pureza de alma e que talento sólido.
Que de afeições divinas devia ter o homem, cujo pensamento
Quizesse falar uma hora com os mortos!

Tennyson.

(Poeta de fama mundial).

XXXIX

A visão exterior se apaga ante a visão interior.
Da qual nem credos, nem cânones, dão a chave,
Mas nós sentimos que já fomos
E seremos eternamente.

Bayard Taylor.

(Idem, idem).

XL

O ser ocupa um ponto isolado no espaço;
Erga o homem um dedo ou solte um ai
E a multidão de sêres limitrofe,
Nesses mundos sem nome,
Por simples condição o espaço e o tempo,
De alegria estremecem,
Vibram como écos vivos...
E através das extensas profundezas,
Vida responde à vida,
Côro antifônico
De inspiração comum.

Mistress Browning.

(Idem, idem).

XLI

Entre as numerosas formas que revestem as manifestações mediúnicas de natureza inteligente, não nos devemos esquecer das que consistem na produção de obras literárias, ás vezes bem volumosas, ditadas psicograficamente por entidades que dizem ser espíritos de mortos.

Dr. Ernesto Bozzano.

(Grande cientista italiano, considerado o talento fenomenal).

XLII

Julgamos a educação da infância a maior obra do Espiritismo.

Leopoldo Machado.

(Inteligente escritor brasileiro).

XLIII

A série de provas demonstrativas que até agora temos aduzido, e com que acreditamos ter evidenciado a pluralidade de existências da alma, 1.° pelo testemunho dos Evangelhos, 2.° pelos factos de observação geral da vida humana, analisados à luz da justiça divina; 3.° pelos fenômenos da psicologia experimental, 4.° pela recordação de outras vidas em alguns indivíduos, no estado normal, embora com casos excepcionais, mas nem por isso menos probatórios e dignos de exame, tudo isso nos dispensaria por ventura do trabalho, de alguma sorte tornado superfluo, de tomar em consideração as objeções pessoais formuladas contra essa lei admirável.

Leopoldo Cirne.

(Um dos maiores escritores espíritas do Brasil).

(Continua).

"O Espiritismo e a Igreja"

Especial para a «Revista Internacional do Espiritismo» — Por LIMA FILHO.

«Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas» (1.° Cor. 14: 32).

O Dr. Nielsson continua a dizer: «E' possível que alguns sacudam a cabeça em sinal de incredulidade, mas devemos primeiramente representar com clareza o que eram as reuniões dos primeiros cristãos, muito diferentes do culto divino que se celebra hoje nas igrejas. Delas nos deu o apóstolo Paulo, em suas epístolas, uma clara descrição, principalmente na 1.ª Epístola aos Coríntios, a qual, certamente, conheceis. Naqueles tempos não havia nenhum pregador preparado que pregasse ás assembléias com vestes sacerdotais, mas se escutava atentamente o que tinham a dizer os profetas ou outros homens possuidores de dons espirituais. E os dons celestes dessas pessoas inspiradas podiam ser e eram de várias espécies. A seu respeito assim se exprime Paulo: «A um é dado pelo espírito a palavra da sabedoria; a outro porém a palavra da ciência, segundo o mesmo espirito; a outro o dom de curar enfermidade em um mesmo espírito; a outro a operação de maravilhas; a outro a profecia; a outro o discernimento dos espíritos; a outro a variedade de línguas, e a outro a interpretação das palavras (1.° Coríntios, XII: 8, 9 e 10)» E não devemos esquecer que êsses homens inspirados, na maior parte das vezes, se achavam em um estado particular. Pessoas que vinham ouvi-los acharam tão estranho tal estado que julgavam estivessem êles loucos ou ébrios. Acontecia em suas reuniões que, uns após outros, sofressem essas influências; por vezes mesmo, uma terrível confusão se produzia por que vários dêsses inspirados falavam ao mesmo tempo, por isto teve o apóstolo necessidade de fixar regras para conservar a mais completa disciplina. Vêde o que êle diz; «Que fareis, pois, meus irmãos? Se, quando vos congregais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem língua estranha, tem revelação, tem interpretação» 1.° Coríntios, XIV 26). Assim êle fixou regras para que, numa mesma comunidade, fosse apenas permitido a dois ou, no máximo, a três, falarem diversas línguas, um após o outro, devendo um outro interpretar

os discursos. E, para os profetas a mesma ordem: «Que só dois ou três falem e que os outros julguem o que ouvirem.»

Mas que é que se devia julgar? A coisa não era assim tão simples. Os primeiros cristãos acreditavam que eram verdadeiros espíritos que falavam por êsses indivíduos especiais, sejam êles designados pelo nome de profetas ou por outro nome. Os gregos tinham um nome comum para todos: *Pneumáticos*, aqueles que eram dirigidos pelo espírito, ou, talvez, mais exatamente: aqueles que estavam sob a influência de um espírito ou de um anjo. Paulo exprime-se tão claramente em dois versículos que não se pode deixar de compreendê-lo. Diz êle que é possível manter a boa ordem nas reuniões, com facilidade, porque «os espíritos dos profetas estão submetidos aos profetas» (1.° Coríntios, XIV, 32).

No texto grego está — *Espíritos e não dons espirituais* — (o grifo é meu) como menciona a tradução dinamarquesa da Bíblia. Em muitas traduções da Bíblia, esta passagem está vertida em sentido confuso, apesar de não haver a menor dúvida quanto à verdadeira significação dos têrmos grêgos do texto original: *Epei Zelotai Este Pneumaton.*

Os tradutores e os revisores da Bíblia nem sempre têm tido a coragem de traduzir, exatamente as Escrituras Sagradas, o que não nos causa espanto. Os teólogos prenderam os seus sistemas dogmáticos em pesadas e estreitas cadeias. Por outro lado, leigos ortodoxos, em muitos países, não podem suportar a verdadeira tradução por julgarem que ela destrói os seus dogmas.

«Tenho alguma experiência sôbre o assunto e falo do que conheço». Sim, continua o Dr. Nielsson: «Segundo a concepção dos tempos apostólicos, os espíritos podiam ser bons ou maus, isto é, muito evoluidos ou inferiores e atrasados.» (páginas 51 a 54 do referido livro). «Sei que conversei com sêres do Além, bons e amorosos, e que muitas dessas horas foram as mais santas da minha vida. Os infelizes, também, com os quais me entretive, me enriqueceram com grande ensinamento: Aprendi estender meu coração até êles. Oh! Quanto esta grande experiência quebrou os estreitos laços dos preconceitos e do dogmatismo da Igreja, que se encerravam em minha alma! E quanto minhas concepções de Deus e do Cristo se elevaram! Perdoai-me não poder crêr noutra coisa: O que enriqueceu a minha vida em tão alto gráu pode servir também para enriquecer a dos outros.» (Páginas 109 a 110). *Assim seja!*

A Alma dos Animais

Para «Revista Internacional do Espiritismo»

IV

Em seu magistral livro *«De la Bête à l'Homme»*, Raoul Montandon alinha um número surpreendente de casos de premonição observados em animais, quando nada existia que pudesse revelar ao homem o acontecimento futuro.

Por ocasião do terremoto que destruíu no Chile a cidade de Talcahuano, em 1935, todos os cães fugiram antecipadamente da cidade e nada sofreram. Nos frequentes tremores de terra do Japão, um sinál da aproximação do desastre é dado pela agitação nervosa que demonstram os cavalos. Três horas antes do terremoto que arrazou a Calábria em 1905, os cães puseram-se a uivar chorosamente, como fazem por ocasião da morte de um amigo.

Na véspera da catástrofe de Fourvière, em Lião, quando muitos imóveis construidos ao pé da colina ficaram soterrados, os cavalos violentamente recusaram-se a entrar para as suas cocheiras e estribarias, nos lugares sinistrados; foram conduzidos para outros locais e assim salvaram a vida. Pouco antes daquele desabamento da colina, um gato, muito apegado ao seu amo, saltou de sua casinha, agarrou-se ao dono, depois fugiu em disparada, fazendo que o amo o seguisse, o que salvou a vida de ambos.

Nos Alpes, onde há frequente ava-

lanches de gêlo, muitas vêzes se têm salvo vidas, observando a orientação de vacas, cavalos e cães que fogem com antecipação do lugar onde se vai dar o acidente.

Num dos lugares mais perigosos dos Alpes, um cavalo que fazia normalmente o trabalho de tirar uma charette, por fôrça alguma penetrava no logar onde iria caír uma avalanche. Tornou-se o orientador dos cocheiros para evitarem o risco de sua própria vida.

A Sra. Kennedy conta que certa vez ia a Hempdall apanhar sua correspondência, numa charette tirada por um burrinho muito dócil. Em certo momento o animal estacou e não houve fôrças que o fizesse prosseguir a viagem. Poucos minutos depois caíu sôbre a estrada, que êle tinha de percorrer, uma enorme árvore.

Muitíssimos casos de previsão de morte de pessoas sãs no momento da previsão, estão registados. Noutros casos o animal percebe a morte de um amigo a grande distância, e põe-se a uivar lugubremente na hora da morte.

E' uma documentação tão completa que não podemos pôr em dúvida que os animais possuam previsão do futuro em muitos casos. Nota-se mais êsse dom nos cães, mas também em outros animais, como nas breves notas acima.

Está perfeitamente demonstrado, pelos factos bem observados, que os animais possuem uma alma com as mesmas características do espírito humano, que possuem certas faculdades supranormais tão raras no homem, como a vidência desenvolvida, visão do futuro, vista dupla, telepatia ativa e passiva, fôrça magnética, sentimentos de solidariedade e piedade, etc. e sempre em graus os mais diversos que revelam evolução individual maior ou menor, justamente como notamos no homem.

Ao adquirirmos êstes conhecimentos, nossa responsabilidade cresce ao infinito em relação aos animais, que Montandon chama de «nossos irmãos inferiores». Começamos a perceber que temos para com êles deveres semelhantes aos que temos para com as crianças : devemos-lhes amor, instrução, carinho, defesa, proteção, como irmãos um pouco mais velhos que somos.

A falta de cumprimento dêsse dever é uma das causas de haver tantas desditas em nosso mundo, e prova sobejamente nossa própria inferioridade. Nossos moralistas realmente ainda não começaram a escrever o capítulo referente às nossas relações com os sêres que se acham acima e abaixo de nós da escala infinita da evolução espiritual ; limitaram-se até agora a esboçar a moral relativa únicamente ás relações sociais entre os homens, como se êstes fossem o Alfa e o Ômega da vida universal, de toda a criação. No entanto, o Espiritismo nos vem revelando que a Humanidade, em sua fase evolutiva sôbre a Terra, a única da qual conhecemos um pouquinho bem limitado, é uma fração ínfima da vida universal, um degrauzinho inexpressivo na evolução de uma partícula do todo, porque a Terra mesma é um grãozinho de pó vagando no Infinito, todo habitado de mundos incomparavelmente maiores e mais adiantados do que o nosso.

Acima de nós há sêres, cuja superioridade, em relação a nós, é realmente divina, inconcebível à nossa inteligência. Para termos conciência disso basta lembrarmos que de toda a eternidade Deus criou Espíritos que progridem incessantemente e quando começou a formar-se nosso sistema solar, um dos mais modestos do Universo, já existiam Espíritos com bilhões de séculos de progresso realizado e que continuam progredindo sempre.

Igualmente abaixo de nós existe uma escala imensa de sêres espirituais, todos em evolução, dos quais os mais próximos de nós são os animais postos sob a nossa guarda e proteção, mais particularmente, os animais domésticos.

Nesse sentido Raoul Montandon é um pioneiro, um precursor, e seu excelente livro será compreendido e obedecido num futuro talvez afastado, por gerações muito mais adiantadas do que a nossa atual que tão cruelmente trata os animais.

Cumpria-nos registrar o aparecimento dêsse volume, lembrar que êle existe em língua acessível aos brasileiros medianamente instruídos. Com êste simples registro em quatro modestos artiguetes, damos por terminada nossa obscura tarefa, deixando a outros mais autorizados continuar o estudo.

Ismael Gomes Braga.

Uma cousa vos asseguramos : o Espiritismo é o caminho que conduz ao aprisco do Senhor.

Terceiro Milênio

COM a aproximação do terceiro milênio, enérgicas e inteligentes fôrças do bem abalam, em gráu crescente, os espíritos desejosos de permanecerem invigilantes em improducente contemplação das vitórias conquistadas em renhidas lutas, através do lento rolar dos séculos.

Queda-se nossa pobre alma exausta ante o contínuo vai-vem das dolorosas reencarnações sem proveito; desanimada, não sente vontade de prosseguir, julgando no atual estacionamento, ter chegado ao fim; no entanto, está apenas no limiar de outro cíclo do progresso infinito; enfraquecida, não está em condições de divisar a bruxoleante luz que acena de longe, convidando-a ao reinício da marcha interrompida. Eis o quadro contristador da maioria dos encarnados e desencarnados.

E' espantoso imaginarmos que o reino animal poderia até, nessas condições, alcançar-nos um dia!

A nobre e restauradora missão desempenhada pela dor e o sofrimento estará por pouco tempo mais amadurecendo os milhões de retardatários, estimulando-os para não se abismarem na inércia.

Com todo o auxílio dos Céus sente-se a alma atraída a deter-se estática sôbre os louros das interminadas lapidações.

Impossível permanecer inativo o mais ínfimo fragmento do Universo. Evoluir e sempre é a lei de Deus.

Por isso, mais uma vez, pela misericórdia do Pai, ressoam as trombetas celestes pelo espaço afóra, reboando em sons estridulosos o imperioso despertar dos espíritos preguiçosos mergulhados no injustificável torpor.

Difundem os clarins a última oportunidade para nos libertarmos das baixas paixões, antes de sermos conduzidos às portas do tão próximo milênio, dito de compreensão fraterna.

Tudo nos induz a que não deixemos passar sem proveito êsse grandioso momento. Candidatemo-nos ao título de «discípulos» de Jesus, sem o que não nos será dado assistir o fulgurante porvir.

Anuncia-se para antes do fim desta época a transformação completa dêste orbe. Serão afastados para planetas bem mais inferiores aquêles que, passados como são quasi dois mil anos, continuam alheios e embaraçando o conceito divino do «amai o vosso próximo como a vós mesmo». Processado êsse afastamento ficará nosso astro livre das barreiras que o impediam de evoluir com mais rapidez. Aqui tendes o significado objetivo da Bôa Nova quando diz: Os tempos são chegados.

Não desprezeis, almas de Deus, os séculos de sofrimentos premiados que em fração de segundos podeis perder; procurai não integrar êsse infeliz turbilhão de espíritos que irá povoar mundos bem mais atrasados.

Deus fixou leis imutáveis e entrelaçadas harmonicamente, pelas quais se desenvolve o progresso material, isto é, sem choques e, o que é essencial, sem ferir o livre arbítrio de quem quer que seja.

Ficariamos perplexos se pudessemos avaliar o ingente trabalho empregado pelos nossos irmãos do espaço, especialmente agora, para impulsionarem a humanidade à frente. Auxiliemo-los, meditando profundamente, no silêncio da noite, emitindo vibrações de ajuda.

Prestes está a Terra a deixar o seu envoltório plúmbeo, resultante aliás, dos condensados aspéctos formados pelas emanações dessa mente humana desprovida da moral do Cristo.

Necessário é, atingir, com a ajuda do Eterno, mais um degráu na infinda hierarquia dos mundos.

Patenteia-se essa ajuda pelo afloramento mediúnico com incontida fôrça por todos os lados, atingindo sem distinção, qualquer criatura, de qualquer categoria social. É a interpenetração incisiva do espìrito divino no plano material, nivelando obstáculos para sublimar gradativamente a matéria pesada.

Surgem, por isso, a todo instante e em proporção crescente mediuns curadores, videntes, psicógrafos e tantos outros.

Em profusão vemos literatura de transcendentais conhecimentos filosóficos, científicos e religiosos, intimamente enlaçados, disseminando-se com a rapi-

dez do vento, como que a acelerar o magno acontecimento.

São fontes inesgotáveis do saber e da verdade; são um convite sincero de aprimoramento das nossas luzes internas. Deixai que a vossa insôfrega alma se ilumine no proveitoso contáto desses que procuram imitar o Cristo; lêde-os, aì estão Allan Kardec, Pietro Ubaldi, Léon Dénis, Bozano, Einstein, Delane, Todeschini, Geley e tantos outros luminares.

E que belìssimos volumes nos tem presenteado a mediunidade do nosso querido patrício Chico Xavier!

Como se tudo isto não bastasse é-nos ainda facultada outra graça destinada especialmente aos indiferentes, aos hesitantes e céticos — a materialização.

Ide buscar, se sois incrédulo, o necessário estimulante para aclarar vossas dúvidas nos testemunhos palpáveis, visìveis, das sessões de materialização.

Lemos em São João 20, versìculo 26 e seguintes que São Tomé só acreditava numa coisa sabida senão depois de a ter examinada e tocado com o dedo. Imitai o apóstolo Tomé, o incrédulo, o que duvidou das curas e dos pseudos-milagres do Mestre, apesar de tê-lo acompanhado por três longos anos.

Nas mãos do Crucificado queria êle apalpar as marcas dos cravos; introduzir nas feridas causadas pelos golpes da lança o seu dedo perscrutador da verdade insofismável.

Prezado irmão, proceda também, em última instância, como São Tomé — não negue antes de ter meditado e investigado; lembre-se, no entanto, das palavras de Jesus: «Bem-aventurados os que não vêem e crêem».

Sôbre a face da terra não há mais lugar para os indiferentes.

Sigamos, pois, firmes com o Salvador, ao encontro do milênio da luz e do amor.

Major Levino Cornélio Wischral.

LIVROS E AUTORES

Leopoldo Machado

GRANDE SÍNTESE E GRANDES MENSAGENS—*Pietro Ubaldi*— Lake, S. Paulo

Lêr é o nosso esporte predileto.

Agora, entretanto, só podemos lêr coisas leves, que não forcem muito o raciocínio, que até descansem a inteligência tão cansada e o cérebro já tão gasto.

Por isso mesmo, uma bôa vintena de volumes aguardam vagar e tempo, em cima de nossa estante de cabeceira...

Batista Lino, o diretor da LAKE, nos envia, com honrosa dedicatória, a *Grande Síntese* e *Grandes Mensagens*, de Pietro Ubaldi. Obras distribuidas, exatamente, na vigência da estadia do grande místico italiano no Brasil.

Não podemos tomar conhecimento perfeito de sua presença no Brasil. Nem, tampouco, do conteúdo de seus dois volumes.

Confessamos que não os lemos desta vez, porque já conheciamos seu conteúdo, quando a *Grande Síntese* e o *Mensagens* foram publicadas pela Federação. Nem aquí estamos, tampouco, para fazer ou desfazer créditos lítero-doutrinários de ninguém. Não estamos à altura de tanto, nem para tanto nos sobra autoridade... Em verdade, com que engenho e arte, poderiamos nós contrariar a apreciação geral dos livros do espiritualista italiano? E em que poderia a nossa arte e o nosso engenho aumentar o valor das duas obras?

Outro é, pois, o nosso propósito, ao traçar, com certo método, pausadamente, estas linhas: a) salientar o esfôrço inteligente e criterioso dêste grande editor paulista e de sua laboriosa editora, que é Batista Lino e a *Livraria Allan Kardec*; b) aplaudir o bom gosto e o capricho das duas edições. Um estudo, portanto, crítico da empresa e não das obras.

A *Grande Síntese* está, indiscutivelmente, um livro que se póde comprar e guardar. Obra em bela e discreta encadernação, protegida de interessante sobrecapa desenhada. Papel superior, impressão segura e nítida, derramada por 420 páginas compactas, nítidas, elegantes.

O *Grandes Mensagens*, em formato diferente, de 27 x 18, páginas, enfeitadas a duas côres, branca na periferia e amarela

na parte impressa. O livro agrada a vista, satisfaz, perfeitamente, os bibliofilos, corresponde ao bom gosto de toda gente. São oitenta páginas caprichosamente bem impressas, que contém todo o ensinamento das seis Mensagens — do Natal, da Ressurreição, do Perdão, dos Cristãos, aos homens de bôa vontade e da Paz — além do substancioso prefácio do tradutor, que é Clovis Tavares.

Nós já sabiamos que seu eminente autor não era espírita, mas espiritualista universal, talvez ecletico, quem sabe? Tão ecletico que se lhe afigurou — disse-o nas suas impressões de chegada — o Cristo de cimento armado do Corcovado abria os braços para recebê-lo. Nem por isso, deixamos de observar a originalidade de ver o *Grandes Mensagens* com o *Imprimatur* de um bispo católico de Foligno, D. Stefano Corbino, com o visto de outro magnata da Igreja, D. Luigi Faveri. Imprimatur e *non obstat* dessa mesma Igreja que, em 1939, havia arrastado a seu Index a *Grande Síntese* e a *Arcese Mística*.

Obras geniais, por isso mesmo que satisfazem a outras crenças. Principalmente, a mais intolerante das religiões. Mas, para que teria o Cristo falado na reunião de um só rebanho para um só pastor?

Ilustre confrade paulistano, que foi dos grandes cooperadores de sua vinda ao Brasil, na honrosa visita que nos fez, dizendo de suas impressões, salientando o que mais o teria interessado — a humildade de grande místico — disse-nos: «êle diz que não é espírita, não está filiado a nenhuma religião sectarística (o Espiritismo, sectarístico?) Que é espiritualista universal. Mas, se o espiritismo é isto que se faz no Brasil, que êle está vendo e sentindo, êle é espírita».

Ouvimos, no Maranhão, quando foi de nossa excursão ao Norte, de ilustre confrade, culto e bibliofilo, que os livros espíritas impressos no Brasil são desajeitados, em mau papel e pior brochura ou cartonação, impressão deficiente. E caríssimos. Mostrou-nos, até obras brasileiras e espanholas, armando comparações judiciosas. Nem abriu excepção para os nossos livrecos, achando menos maus o «Para o Alto» e o «Cientismo e Espiritismo», edições da LAKE e da Estudos Psíquicos. — «Que não são, aliás, dos mais caros», adiantamos.

Não sabemos do preço dos dois livros aquí em análise. Mas, podemos afirmar que são obras de molde a contrariar a análise crítica do prezadissimo confrade.

E está nisso o melhor conceito nosso dos dois volumes.

E com isto, nosso agradecimento sincero ao Batista Lino...

Ler nas Nuvens...

De todos os tempos constituiram as nuvens, com a sua extraordinária plasticidade, um dos elementos da natureza mais propícios à exaltação do sentimento estético.

Com o concurso dêsse elemento plástico, os quadros da natureza adquirem movimento e vida que, sem êle, ficariam de muito reduzidos, por vezes mesmo tornando-se fastidiosos pela sua monotonia.

Servem, além disso, as nuvens, mesmo silenciando a respeito do seu grande papel meteorológico, para nos ministrar advertências preciosas sôbre as modificações atmosféricas, não raro subitâneas, livrando-nos, assim, de muitos perigos.

Quantas vezes, garbosas velejando ao sôpro de ventos propícios, viam-se as antigas náus subitamente despojadas de suas azas propulsoras, sempre ocasionando o facto grande surprêsa aos marujos de primeira viagem: é que o piloto observara ao longe, na linha do horizonte, embora azul estivesse e límpido todo o céu, uma nuvenzinha que subia com desusada vertiginosidade. «Ferrar panos» — era a ordem incisiva do experimentado piloto, e mal se encontrava a nau derivando, em árvore sêca, ao sabor das vagas, eis que a tormenta desabalava, tudo convulsionando!

Não é, porém, dêsse aspecto meteorológico oferecido pelas nuvens, que desejamos tratar; mas simplesmente do sentido alegórico que elas encerram, em sua extrema mutabilidade de formas, de acôrdo com os índices mentais de cada indivíduo: com tendência, uns, à superstição; outros à exaltação artística, e ainda outros à materialização, se assim se póde

dizer, das suas íntimas elocubrações, que podem ser da ordem dos interesses personalíssimos, como também podem revestir-se da circunspecção das conjecturas filosóficas.

Observei frequentemente, na minha adolescência, o grande fascínio que exerciam, sôbre as pessoas habituadas ao jogo do bicho, principalmente com relação ás velhas, as formas com que aos seus olhos as nuvens se apresentavam, na ocasião em que iam fazer o seu joguinho e em que ávidamente procuravam palpites. Então apareciam no firmamento elefantes, galos, avestruzes, águias... docemente conformando-se as nuvens aos múltiplos desejos dos inveterados jogadores do bicho...

A arte encontra manancial tão amplo às suas inspirações no elemento em questão, que seria ocioso tentar demonstrá-lo com factos.

No caso de que nos vamos ocupar, não se trata nem de superstição, nem de arte, mas do sentido alegórico que podem ter, por associação de idéias de natureza filosófica, as imagens da admirável paisagem atmosférica formada pelas nuvens.

Já decorrera algum tempo da hora solene do Ângelus, tão propicia à meditação e à fuga do nosso espírito ao ramerrão cotidiano. Estávamos em «Governador», na parte ocidental da ilha. Os tons do firmamento carregavam-se de cinzento escuro, sôbre o qual se estendia uma faixa rósea, formando o fundo geral da paisagem, na qual se deslocavam mansamente nuvens brancas como algodão e alguns cúmulus mais espessos e escuros.

Meditávamos nos problemas angustiosos da sociedade internacional hodierna, sentindo, ao contemplar aquelas multidões que iam abandonando a extensa praia, depois de todo um domingo passado na liberalidade folgazã dos banhos de mar, uma piedade imensa pela comunidade humana, por sabê-la ainda exposta a perder, de um momento para outro, o bem estar e a tranquilidade que já desfruta nos meios sociais como o do Brasil, de tão belas tradições democráticas!

O sofrimento dalma levou-nos, em um gesto natural, a olhar para o céu.

Dois enormes blocos de nuvens nossos olhos vislumbraram, nêsse instante, defrontando-se na mesma linha do horizonte: o da direita parecia um desses monstros alados da éra secundária, erguendo sôbre um enorme pescoço erecto, a cabeça em atitude de ataque; o da esquerda tinha as formas assustadoras de um «ceratosauro», ou espécie semelhante daqueles tempos remotos.

Bem distantes um do outro quando o vimos, começavam agora a aproximar-se em atitude de desafio, prestes a se engalfinharem em luta de morte.

Sôbre o dôrso do que estava à direita, alteou-se uma grande balança. A' proporção que os contendores se aproximavam, ia-se a balança dissipando no céu, para de todo sumir-se quando apenas alguns metros separavam os contendores. Nêsse momento, a parte superior do monstro à direita colocado, foi se transformando em um homem e por fim o seu vulto ergueu-se, todo de branco, tornando-se, por efeito da luz, a figura central do firmamento. Começou então para o monstro da esquerda, uma fase de rápida mutação: de sombrio que se mostrava, passou a empalidecer, perdendo o aspecto agressivo. As duas formações foram se dissipando e todo o horisonte por fim imergiu nas delicadas nuances da luz crepuscular.

Essa visão trouxe-nos ao espírito uma grande calma. As nossas idéias iluminaram-se de esperança e tivemos fé nos destinos superiores da Humanidade!

Oxalá se realizem tão belos prognósticos! Assim o pedimos a Deus!

Arnaldo S. Thiago.

Rio de Janeiro, 4 de Fevereiro de 1951.

O homem não póde continuar a ser um autómato nas mãos de aventureiros e insensatos. Deus deu-lhe a razão para que êle pense e procure tornar-se livre, governando-se de modo a alcançar as esferas superiores, como sêr imortal. O Espiritismo faz o homem pensar nas cousas superiores aos bens temporais, convencendo-o, com os testemunhos dos factos e da lógica, de que uma vida superior o aguarda após a morte do seu corpo físico. Por isso, o estudo desta Doutrina pòde ser tido como o passo inicial da conquista da verdadeira felicidade.

CAIRBAR.

A Morte, Indústria dos Vivos

Pelo Coronel Faure da Rosa

MAX Nordau não incluiu o luto e outros exibicionismos de *pesar* na sua longa lista de mentiras convencionais. Contudo, talvez o uso generalizado do luto seja a matéria prima mais rendosa da «indústria da morte».

Na Europa — segundo Becherelle — a côr do luto é preta. Na Turquia, azul ou violeta; no Egipto, amarela ou côr de fôlhas mortas; na Etiópia, cinzenta; no Japão, branca; na Birmânia, amarela...

Como se vê, côres que para uns povos denotam alacridade, para outros exprimem, ou querem exprimir, tristeza, dôr.

Na Inglaterra, no tempo do tristemente célebre Henrique VIII e de Eduardo VI, os ricos-homens e aios nobres usavam vestuario de púrpura em sinál de luto, ao passo que as chamadas «classes inferiores» punham um laço de fita encarnada no ombro.

Depois do trespasse, a primeira personagem que se apresenta com indumentária preta é o cangalheiro que, a custo, mal disfarça o contentamento interno de ter sido o preferido naquêle negociozinho do carrêto para o cemitério. Mostra os preços da tabela nas clássicas três classes, como se se tratasse duma viagem em comboio ou paquete.

Se o transporte preferido fôr o da 1.ª classe, até as bestas do carro funerário e das que conduzem o do sacerdote, envergam compridos balandraus negros, em tudo semelhante ao *trajo de dor* dos homens.

Antigamente, os préstitos fúnebres eram acompanhados por carpideiras, choronas de profissão, mulheres alugadas para prantearem os defuntos... desde que lhes pagassem o oficio. Países havia em que o mister de chorar era exercido por ambos os sexos. Os romanos foram buscar esta usança aos hebreus.

Os «chorões» encorporavam-se no cortejo a seguir aos filhos do môrto, naturalmente porque tal situação lhes facilitava a choradeira... por contágio.

Entre os romanos, quando terminava a cerimônia fúnebre, os profissionais do chôro voltavam-se para os restos mortais do defunto e exclamavam:

Adeus! nós te seguiremos, quando a Natureza quiser!»

Os primitivos cristãos faziam da morte uma idéia muito diferente da que faz a maior parte da gente. Acreditavam que o falecido continuava a viver. Para êle, a comunhão com os desencarnados não se rompia; consideravam a morte como uma elevação, uma honraria, uma magnificência, porque acreditavam que a individualidade do desincarnado subsistia.

Pode-se ler em livros dos padres da Igreja que era costume dos cristãos primitivos celebrarem o dia da morte, como celebravam o dia do nascimento, porque entendiam que o falecido ingressara em nova vida e essa eterna.

Nessa época, um entêrro cristão estava em oposição direta ao luto e à nota sombria que caracteriza qualquer funeral de hoje.

Os primitivos cristãos levavam palmas e ramos de oliveira nos cortejos fúnebres, banindo os de cipreste por esta árvore ser considerada como símbolo de tristeza. Junto do cadáver entoavam cânticos, mas rejeitavam as cerimônias funéreas dos judeus, tais como: amortalhar o cadáver com vestes lutuosas, espalhar cinzas sôbre a cabeça, rasgar o vestuário...

Os primitivos cristãos reprovavam, em termos enérgicos, o costume romano do uso de roupa preta em sinál de luto. Falavam dos seus mortos nas suas preces e oravam por êles.

Agora, e desde há muito tempo, dominam os símbolos lutuosos. O costume pagão-romano do uso de vestes negras durante meses e até anos, é o que adota quasi toda a cristandade, inclusive quasi todos os espíritas.

Raros, muito raros serão os espíritas que tenham coragem de contrariar os «usos e costumes». É que se tal fizerem «gente há de falar» — como se diz na India Portuguesa — frase que muito bem exprime o temor da «opinião pública».

O luto é uma das maiores menti-

ras da sociedade que só aproveita àquêles que sabem explorar a costumeira. É uma espécie de mostruário de mágoas para o «respeitável público» tomar conhecimento e um ou outro perguntar ao lutuoso:

— Que lhe aconteceu?

E o rosto do interrogante — ouvida a resposta que *obrigava* ao luto — de prazenteiro que estava, descamba em carrancudo, como gesto mais adequado à *tristeza* da notícia.

Se o trajo de preto, como sinál de luto, fôsse realmente «traje de dor», o prêto deveria, também, ser a côr preferida na roupa íntima. como, porém, tal roupa não é destinada a mostrar ao «respeitável público», o tal «trajo de dor» é só para uso externo. Tudo fachada.

A convenção — tácita, pelo menos — admite duas exceções: o sobretudo e a *gabardine* podem ser de qualquer côr. Pessoas há que estendem o luto ao lenço branco com barra negra, à semelhança do papel tarjado em que escrevem e dos bilhetes de visita que distribuem. E tudo isto custa dinheiro... mas agrada ao «respeitável público».

Tão acreditado está a côr preta como símbolo de dor, que há homens que a adoptam nas próprias camisas com que vão à rua.

Há mulheres de «sociedade» a quem o traje preto dá tanto realce, que não se lhes dava de prolongarem o prazo marcado nos «usos e costumes», ou terem um lutozinho de vez em quando...

«Peraltas e sécias» da denominação antiga, ou «gente de bem» da denominação «bestial» moderna, têm tal preocupação com a impecabilidade da elegância que nada lhes importaria que massas de pessoas morressem de fome e de frio, contanto que êles pudessem ter os meios de morrer com elegância — segundo o comentário irônico de Bernard Shaw.

É êste escritor quem, assim, descreve o funeral duma rica dama:

«O caixão estava coberto com uma profusão de flôres de preço. O cangalheiro tinha recebido ordem de não poupar as despesas e de arranjar cavalos pretos com longas caudas, cujo dorso desaparecia debaixo de compridos panos mortuários negros, cujas cabeças ostentavam altos penachos pretos. Os cocheiros tinham laços de crepe nos ombros, calçavam botas de joelheiras e sentavam-se em almofadas negras, envergando mantos e calçando luvas pretas».

Os pais da falecida é que tinham exigido aquêle «brilhante» funeral que, em tôda a parte, constitue um espetáculo gratuito para a vizinhança e para os transeuntes e moradores das casas situadas ao longo das ruas do trajecto. Mas o viúvo respeitava tal exibicionismo, dizia de si para si.

— Eu não podia, de maneira nenhuma, tomar parte, a sangue frio, numa mascarada grotesca e pagã, atrás do seu esquife. Aceitei o monumento fúnebre, se bem que, na minha opinião, não haja prova mais amargamente ridícula da vaidade humana do que êsses blocos de mármore erectos para anunciarem à posteridade que o senhor fulano de tal nasceu, viveu e morreu, deixando dinheiro bastante para pagar a um canteiro, afim de distinguir os seus ossos dos de milhões de sêres.

A vaidade dos viventes na Terra a querer eternizar-se!

Depois das drogas que, em regra, contribuem para a passagem a defunto, segue-se a certidão de óbito, o registo civil, o cangalheiro com a aparelhagem correspondente à classe tomada para o transporte do corpo, o serviço religioso que, igualmente, é feito por classes, as flôres, os carros com os amigos ou pretensos amigos que assim — dizem êles — vão prestar ao morto a última homenagem... a maior parte das vezes a primeira. Se o morto foi pessoa de tomo, à beira da sepultura fala um senhor a enaltecer-lhe virtudes esgravatadas em casa e que, em vida, nunca se dera ao trabalho de procurar. Se tem jazigo, próprio ou emprestado, lá vai para um gavetão semelhante a beliche de paquete, revertido ao pó donde veio.

Todos os empresários da morte se pagam dos seus serviços o melhor que podem... que preços não os discute, em lances tão dolorosos, a família do morto, que, de resto, também entende que é a maneira de prestar a «última homenagem» ao ente querido. Quando falece em hospitais um fulano que «não tem onde cair morto» — e a expressão não pode ser mais apropriada — os jornais de «grande circulação» anunciam que o *cadáver de fulano de tal aguarda quem lhe faça o funeral*... até parece que há cangalheiros metidos nas empresas jor-

nalísticas, as quais têm um bom quinhão na *Indústria* com a publicação de participações de falecimentos, de há tempo para cá fortemente avolumado com a inserção do retrato do morto: e isto sem o menor risco de capital. Então, se se trata de defunto que em vida tivesse sido pessoa «graúda», com mesa posta em várias emprêsas industriais ou comerciais ou estabelecimentos do Estado, as participações do falecimento multiplicam-se. Já cheguei a contar oito participações de várias entidades ou corporações do mesmo falecimento. Que gáudio para os jornais! Em todas elas se afirmam que «cumprem o doloroso dever», inclusive aquêles que com o desaparecimento do fulano intimamente rejubilam, porque subiram na hierarquia burocrática, industrial ou comercial, com os respectivos proventos, ou lhe herdaram os avultados bens.

Que fartura de hipocrisia em tudo isto!...

Charles David Ley conta que vivera uma temporada com uma família que habitava uma quinta em uma serra de provincia portuguêsa. «Era motivo naquela família — escreve David Ley — não só a dureza com que os seus membros encaravam a vida, mas também o seu trato franco e estoico, quer entre êles, quer com os outros, e, sobretudo, a sua indiferença perante a morte. A morte para êles era um incidente sem importância; hoje êste, amanhã aquêle. Ninguém deve afligir-se ou queixar-se por isso; não vale a pena lutos nem lágrimas, mesmo quando morre quem nos é mais próximo».

Ora aqui está uma família que pratica atos de verdadeiro espírita... embora o narrador não diga que os seus membros fôssem partidários da doutrina.

«A morte é um facto e um facto a aceitar com toda a calma»... da mesma maneira que se aceita o facto do nascimento. São duas crises iguais e contrárias.

Na opinião de teósofo Leadbeater, é à ignorância e à incredulidade que se devem atribuir as exageradas manifestações de pena pelo desaparecimento da Terra dum ente querido. Tais lamentações constituem um êrro de mais flagrantes.

Para êle, os atavios sinistros e grotescos de que a maior parte da gente rodeia a sua dor, representam um anacromismo absurdo e a revivescência da superstição medieval.

Não se compreende que o cristão — aquêle que geralmente acredite que o fenômeno da morte é o caminho do espírito desencarnado para a felicidade eterna — *não se compreende que celebre o acontecimento com o uso de trajes pretos e crepes e que escreva em papel tarjado de negro.*

O que se aplica ao cristão tem inteira aplicação ao espírita e ao teósofo que muito bem sabem que o ente querido apenas desapareceu do nosso convívio para passar a uma existência superior no plano astral ou, na pior das hipóteses, menos infeliz, por se ter libertado das aflições carnais. E isto ainda não é tudo, afirma Leadbeater. A dor a que as gentes se abandonam pela morte duma pessoa amada não só se fundamenta num êrro crasso, mas também representa uma acumulação considerável de sofrimento completamente inútil. O caso ainda é mais sério, porque essa incontinência de tristeza, essas lamentações intermináveis e inconsoláveis produzem sempre um efeito muito penoso no desencarnado, naquele por quem sentimos afeição tão profunda e que, afinal, fazemos sofrer com o nosso sofrimento. E isto acontece, com maior intensidade, em regra, precisamente na ocasião em que o desencarnado, o ente querido, se encontra no estado de inconsciência que precede o despertar no Astral, bruscamente tirado dos sonhos felizes em que talvez estivesse mergulhado. Tais manifestações provocam no seu *corpo de desejos* vibrações correspondentes, causando-lhe mal-estar violento e prostração prolongada que retardam o seu progresso.

Essa falta de domínio de si mesmo da maior parte dos sobreviventes da Terra, é um dos maiores obstáculos com que deparam os espíritos amigos habitantes do Astral que desejam auxiliar os recém-chegados. Os próprios desencarnados não raro reconhecem os entraves que para êles constitui a dor sem tréguas a que se abandonam seus parentes e outros amigos.

Os crentes religiosos sobreviventes, garantem pela vida a fora um pequeno rendimento: muitas vezes, até uma ge-

ração inteira fica sendo contribuinte voluntária da «indústria da morte» com a realização de comemorações fúnebres, sufrágios periódicos préviamente anunciados nos jornais a um tanto por linha.

O morto, dêste modo, é, afinal um capital de rendimento certo para os intervencionistas dos sufrágios...

Mas, que valor podem ter as preces mercenárias?... Cortamente, o mesmo que tinham dantes as lágrimas das carpideiras.

Luto e mais exibicionismos ostentados no «mostruário de pesar»... são outros tantos elementos demonstrativos de que a *morte é indústria dos vivos.*

Mais nicanorbarretismo insubsistente

Reagimos, felizmente, depois de sete mêses de cama, entre a vida e a morte. Derrubou-nos o coração que passou, depois de tanto tempo, a reagir.

Consequência de nossa excursão ao Norte?

E' possível, com tantos *nicanorbarretismos* pela frente...

E o de 4 de fevereiro, inserto em O *Dominical*, é d'arromba!

Salientam-se na longa muxinifada do padre com ou sem batina, pontos muito interessantes, que são: I) Seus conceitos e os da Igreja sobre o Espiritismo; II) Que o Espiritismo não é religião; III) Nossa fraqueza em tudo, até na gagueira; IV) Lições inhas de gramática; V) Sua urbanidade forçada, que nos chama de preclaro lá em cima, e, cá em baixo, diz que merecemos asco; VI) Nossa cultura negativa; VII) Negativa de que o papa não é a besta do Apocalípse, etc.

Ora, cada item desses bem mereceria um artigo à parte.

Mas, ainda nos falta saude e fortaleza para tanto.

Englobamos, portanto, num artigo só, *currente calamo*, uma resposta. Mesmo porque, suas razões superficialíssimas e seu arrojo clerical, não merecem, na verdade, mais.

O item I vale zero, porque S. S., e sua Igreja, nada sabem do Espiritismo, não estão à altura de emitir conceitos sôbre êle. Mormente, confundindo manifestações de espíritos, que sempre existiu, que existia entre os israelitas, proibido por Moisés aquí e permitido alí, com o Espiritismo, que é uma doutrina definitiva, formada e fundada a regras lógicas, do Livro dos Espíritos para cá. Livro que, há 95 anos aí está, com suas 118 perguntas e respostas, desafiando todos os *nicanorbarretismos* de padres sectaristas e sábios materialistas...

Supondo-se dogmas, templos e sacerdotes como elementos fundamentais da religião, o Espiritismo, não é, efetivamente, religião. Ninguém póde explorá-lo *nicanorbarretamente*, explorando a fé alheia. Nem entupir seus altares de calungas e manipanços bentos, douradinhos, milagreiros. E é isto, exatamente, que explora o povo. E' nisso que está a exploração das massas. Ora, o Espiritismo, felizmente, nem altares tem...

Mas, se religião é a arte de ligar os homens entre si, para religá-los a Deus, ao Cristo, o Espiritismo é a Religião...

Somos, realmente, fraco em tudo, até na gagueira. Mas, nossa fraqueza geral não nos permitiu que continuassemos nicanorbarretamente, nos pés dos padres, engulindo suas hóstias, levando a sério suas falsidades do Cristianismo puro, achando que seu *paganismo cristianizado* seja, realmente, a religião d'Aquêle que ensinou «só em espírito e verdade devemos adorar a Deus». E preferimos gaguejar, *psicologicamente*, na palavra, do que na fé, do que nos princípios cristãos, do que nos ensinos do Cristo. Essa gagueira fica para os *nicanores barretos* de todos os tempos...

Obrigado ás lições inhas de gramática. Se, entretanto, se tratasse de discussões gramaticais havia muito o que dizer. Mas, com licença e perdão para o latinonio: *de minimus non curat praetor*...

Não lhe agradecemos tampouco, sua urbanidade forçada. Nem póde agradecê-la um homem que não atacou ninguém, que pregou e pregará suas convicções religiosas livre das peias católicas, dentro da liberdade que as leis de seu país lhe permite. Não fossemos, portanto, espírita, diriamos que asco causou-nos, *nicanorbarretamente*, a figura do articulista, que não

o conhecemos pessoalmente, em Teresina, porque não podem causar outra coisa, sinão asco, as pessoas que se metem, nesciamente, ignorantemente, nicanorbarretamente, naquilo para que não foram chamadas...

Que sabe S. S. de nossa cultura?

E, se a apalpou aí, porque não nos procurou para uma conversa ou discussão fraterna ou católica?

E levaria vantagens, de vez que S. S. não deve ser gago, pois não? Mas, êsse negocio da cainçalha grunir depois que a caravana passa...

Que o magnata do Vaticano, a cidade das sete colinas, é a besta do Apocalipse, o 666 da visão de João Evangelista, e a Igreja, a grande prostituta que tem se aliado aos grandes da Terra para humilhar os fracos e pequeninos, só póde negá-lo quem não conhece a História da Igreja, quem não procura examinar de tudo para aceitar, sómente, o que lhe convenha. E, a frase latina, *vicarius fili Dei*, que S. S. impugna tão nicanorbarretamente, lá está, inteirinha, no grande livro, *As Quatro Babilônias*, do engenheiro Marius Celi, que não é adventista; lá está no admirável *Sinais dos Tempos*, de Anibal Vaz de Melo, obras que, pelo sucesso extraordinário que provocaram, se esgotavam facilmente. Obras que a *cultura espantosa* do Sr. Nicanor Barreto desconhece.

E, para terminar, não é demais chamar a atenção do inculto, tapeador e igrejífero adversário para o último apêlo do papa, que S. S., a despeito de toda sua cultura, desconhece.

Apêlo concitando todos os espiritualistas, qualquer que seja seu credo, para a formação de uma barreira intransponível aos propósitos negativistas do comunismo. Só ignora, atualmente, que o mundo está dividido, naturalmente, em duas correntes — o comunismo ateu e o Espiritualismo — quem tudo, *nicanorbarretamente*, ignora. Por isso, só entra a atacar, nicanorbarretamente, os credos alheios, quem igonra esta realidade flagrante.

O Espiritismo, na sua pobreza e simplicidade bem iguais à simplicidade e pobreza do Cristianismo no 2.º século de sua história, procura fazer o que póde e até o que não póde, no serviço, de que tanto se descura a Igreja, de aclarar consciências e cristianizar corações.

Se a Igreja persiste em defender seus postulados e fundamentos de 17 séculos que nenhum benefício positivissimo trouxe à humanidade, isso é com ela, com os seus nicanores barretos, com a sua nunca desmentida intolerância e pretensão.

Leopoldo Machado.

—

Almas Gêmeas (Fusão ou Confusão?)

onsta que o piedoso califa Omar escreveu no Corão: «Queimem as bibliotécas, porque nêste livro está tudo». E que Emerson aplicou as mesmas palavras referindo-se à República de Platão.

Nêsse maravilhoso livro do filósofo grego, encontramos metafísica, teologia, ética, psicologia, educação, arte, estatismo e quanta coisa mais, abordando transcendentes assuntos como o feminismo, contrôle da natalidade, comunismo, democracia, aristocracia, eugenia e educação libertária.

Seus diálogos são repositórios das maiores preciosidades legadas ao gênero humano.

O primeiro e mais completo sistema de filosofia espiritualista produzido pelo pensamento humano, é o platonismo.

O seu método, chamado dialética, consistia em eliminar as diferenças dos indivíduos para ir ás semelhanças, subindo, em espiritualidade até Deus.

«E' preciso que a alma toda inteira vá, nas asas do amor, até ao principio do seu bem».

Parecer-se com Deus, eis toda a moral do platonismo.

O platonismo exerceu grande influência sôbre os maiores vultos do pensamento filosófico, desde Aristoteles até os neo-platonicos, como sôbre a poesia da renascença que tanto empolgou os séculos XV e XVI.

Vitor Hugo, poeta lirico e espírito profundamente sentimental, dedicou-se

também ao estudo e à prática do Espiritismo. Talvez por isso, o eterno enamorado da beleza espiritual, viesse mais tarde em seus poemas mediúnicos focalizar a teoria platonica das «almas gêmeas», através da psicografia de Zilda Gama.

Allan Kardec, o sábio codificador do Espiritismo, procurando esclarecer os assuntos, já então objetos de sua preocupação, não se esqueceu de ouvir também, sôbre a teoria das «almas gêmeas», a opinião de seu mentor, formulando-lhe as seguintes perguntas:

«P. — 298. As almas que devem unir-se então, desde suas origens, predestinadas a essa união e cada um de nós, tem, nalguma parte do universo, sua *metade*, à que fatalmente um dia se reunirá?

R. — Não; não há união particular e fatal de duas almas. A união que há é a de todos os Espíritos, mas em gráus diversos, segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido. Quanto mais perfeitos, tanto mais unidos. Da discórdia nascem todos os males dos humanos; da concórdia resulta a completa felicidade».

Depois, em seu comentário pessoal, diz o insigne codificador, recusando a idéia:

«A teoria das metades eternas encerra uma simples figura, representativa da união de dois Espíritos simpáticos. Trata-se de uma expressão usada até na linguagem vulgar e que se não deve tomar ao pé da letra. Não pertencem de certo a uma ordem elevada os Espíritos que a empregaram. Necessariamente limitado sendo o campo de suas idéias, exprimiram seus pensamentos com os termos de que se teriam utilizado na vida corporal. Não se deve, pois, aceitar a idéia de que, criados um para o outro, dois Espíritos tenham, fatalmente, que se reunir um dia na eternidade, depois de haverem estado separados por tempo mais ou menos longo».

Quando Emmanuel, respondendo as perguntas que lhe foram feitas, em número de 410, que constituiram o magnífico livro — «O CONSOLADOR» — a Federação Espírita Brasileira, como sentínela avançada, resguardando o grande patrimônio doutrinário constante das obras fundamentais, apresentou, por intermédio do médium receptor, as suas razoáveis objeções aos conceitos emitidos pelo Espírito orientador, sôbre a teoria das «almas gêmeas», rejeitando a inovação que viria alterar profundamente os postulados da Doutrina.

Hoje ainda, parodiando Emerson, que fez suas as palavras do califa Omar, podemos afirmar, sem receio de contestação, que, nas obras fundamentais da codificação está tudo quanto se faz necessário para orientar os homens no sentido da sua evolução espiritual, para a Fraternidade Universal.

Por mais que queiramos ressaltar as obras dos escritores cristãos, não poderemos jamais substimar o Evangelho, fonte de onde jorra, para toda a humanidade a linfa cristalina de toda a sabedoria cristã.

Assim são também os livros que fundamentaram a Doutrina dos Espíritos, ditados pelos missionários da Revelação.

A principal missão do Espiritismo é a reforma do homem, visando a Fraternidade Universal.

Amar a Deus sôbre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, eis o grande ensinamento.

As afeições particulares, são todas de natureza humana; representam ajudas na escalada do progresso, mas, na proporção que o Espírito caminha, desenvolvendo todas as suas principais virtudes, os seus raios de afeição crescem na mesma proporção, até que possa atingir a humanidade inteira.

Essa é a Doutrina do Cristo. São esses os postulados do Espiritismo em marcha para a confraternização de todos os povos, na Terra e no Espaço.

As teorias platonicas de Vitor Hugo, como as de Emmanuel, não formam bases doutrinárias; são devaneios de Espíritos enamorados da beleza, em busca da perfeição maior.

Quando a Federação Espírita Brasileira, cônscia de sua grande responsabilidade como orientadora que é do Espiritismo no Brasil, recusou a teoria das «almas gêmeas», o fez, não só amparada nas obras basilares, como também orientada por aqueles que do plano espiritual traçam rumos à propaganda do Espiritismo em nossa Terra.

São do próprio Emmanuel, às seguintes palavras, respondendo à Fede-

ração Espírita Brasileira, quando de sua recusa à teoria das «almas gêmeas»:

«Devo a pequena confusão observada, concedendo à matéria certos ascendentes que só pertencem ao espírito, a perturbações do método de «filtragem mediúnica», onde o meu pensamento foi prejudicado». («O Consolador», pág. 208).

Embora tenha o Espírito insistido em conservar a tese das «almas gêmeas», e que outros classificam de «fusão», podemos, ainda com êle, recusar a teoria que tanta confusão vem provocando no seio da confraria.

De nossa parte, ainda parodiando Emerson, preferimos ficar com o Evangelho, com as obras basilares e com a Federação Espírita Brasileira.

Pereira Guedes.

Crônica Estrangeira

A Previsão do Futuro

O conhecimento da alma humana como entidade psíquica e física, será a ciência de amanhã. — C. Flammarion.

Será possível prever o futuro?

Todo o neo-espiritualista sabe que o futuro está inscrito no nosso Karma. Portanto, para os indivíduos dotados de faculdades supra-sensíveis é possível a leitura dêsse Karma ou destino, e até indicar aonde e quando a nossa vontade e o nosso livre-arbítrio devem intervir, dentro da nossa liberdade condicionada por êsse mesmo Karma. O pensamento tem a sua forma, o seu volume e a sua côr, factos estes observados pelos cientistas Lancelin, Lombroso, Karl du Prel, e constatados por clarividentes.

A leitura do futuro por qualquer forma que ela se faça não constitúe um atentado ao nosso livre-arbítrio, porque há circunstâncias e factos que nos dominam tão fortemente que não lhes podemos fugir. E' porque, nesses casos, existem forças Kármicas em ação contra as quais não podemos reagir. E' o caso que cita o ditado — «O Homem põe e Deus dispõe».

O futuro é o nosso destino que nos arrasta como um turbilhão, porque êle faz parte das fôrças universais de que somos ínfimas engrenagens.

Dentro do destino temos o nosso livre-arbítrio mas livre-arbítrio relativo e não absoluto. O livre-arbítrio é o contrôle que nos dá a alma-consciência; é o fiel da balança dos nossos próprios atos emanando da nossa vontade.

O futuro é, pois, o resultado do *uso* em bem ou em mal que dessa vontade fizemos em precedentes encarnações.

A Natureza sempre pródiga, distribue equitativamente os seus «dons» por todos. Assim, as faculdades supranormais revelam-se em médiuns que, por vezes, são acusados de pacto com o Demônio, ou então, se se trata de pessoas votadas ao catolicismo, como Catarina Emmerich e outros médiuns, passam à categoria de inspirados pelo Senhor, e chegam até a fazer «milagres».

Conta-se a respeito do abade Vierney, o famoso cura d'Ars, que viveu entre 1786-1859, o seguinte caso:

Numa manhã encontravam-se na sua igreja, três religiosas dispostas a ouvirem missa, quando o cura d'Ars se lhes dirigiu dizendo: — Partam imediatamente! Senhor cura, respondeu uma delas; nós queríamos primeiro ouvir a santa missa. — «Não, minha filha, partam já, porque uma de vós vai adoecer, e depois têm de ficar aquí».

Com efeito, a pouca distância da localidade onde residiam, uma das freiras sentiu-se subitamente indisposta, a ponto de as suas companheiras terem que a levar em braços até à séde da confraria. Foi o começo duma doença que nada fazia prever.

O cura d'Ars era, portanto, dotado de faculdades psíquicas transcendentes; mas, quando as suas manifestações lhe desagradavam, atribuia-as ao Diabo, se bem que nem êle, nem ninguém jamais o tivessem visto.

O que não é menos curioso é que esses relatos são feitos por um sacerdote, o abade Alfred Monnin, no seu livro intitulado — «O Cura d'Ars».

Como já disse, o futuro póde ser li-

do com o auxílio de diversas mediunidades.

A quiromância, que é uma autêntica ciência, necessita do auxílio dum sensitivo de grande intuição.

Nesta outra modalidade psíquica, está comprovado o caso passado em 1879 com *Monsieur* de Ch. quando duma sua consulta à celebre *M.elle* Lenormand, que, ao examinar-lhe as linhas das mãos, lhe disse: — «Seu pai, morrerá de hoje a um ano, e o Sr. em breve será militar, (o consulente tinha então 19 anos), mas pouco tempo estará no exército. Casará cedo e dêsse matrimônio terá dois filhos. Morrerá aos 26 anos».

Como todos os factos se cumprissem com matemática exatidão, *Mr.* de Ch. ao ver aproximar-se a data fatal caíu numa grande neurastenia e foi consultar o Dr. Liebault (que já citei em artigo precedente, e que nessa época era muito conhecido em Paris) e perguntou-lhe se não haveria meio de conjurar a fatalidade anunciada.

Êste especialista hipnotizou o consulente afim de dissipar do seu espírito tão grande preocupação.

Mr. de Ch. julgava que o terrível acontecimento devia realizar-se em 1 de Fevereiro, dia do seu aniversário natalício.

O Dr. Liebault, querendo ainda operar por sugestão, aconselhou o seu cliente a ouvir um velho conhecido pelo «Profeta» a quem perguntou quando morria. «O sr. morre... morre... (não podia dizer-lhe a verdade) daquí a quarenta anos».

O efeito destas palavras foi maravilhoso, mas em Outubro dêsse mesmo ano, o Dr. Liebault recebeu uma carta comunicando-lhe a morte de *Mr.* de Ch. aos vinte e seis anos, conforme a profecia de *M.elle* Lenormand.

Eu própria fui testemunha dum caso do mesmo gênero.

Certa noite de 1927, após um banquete comemorativo, onde se cruzaram opiniões sôbre a previsão do futuro, foi-me pedido por algumas pessoas que lhes lesse nas linhas da mão.

Uma delas, *Madame* G..., diretora dum liceu feminino dessa cidade, do Norte da África, onde então me encontrava, e ela gozava de excelente reputação, com um sorriso de superior incredulidade, estendeu-me a mão para a «profética» leitura.

Depois de lhe citar vários factos que *M.me* G. confirmou, «aconselhei-lhe que modificasse a sua maneira íntima de viver, (que eu desconhecia) pois correria o risco de se ver envolvida num processo de tristes consequências para ela e que, talvez a levasse a cometer uma muito grave e mesmo fatal imprudência».

M.me G. acentuou o seu irónico sorriso para me mostrar que não tomava a sério a minha discreta advertência, pois pelas suas mãos acabara de conhecer os seus segredos.

Decorridos, porém, três anos, fui informada de que, em consequência do divórcio que contra ela fôra intentado por irregularidades conjugais, pelo que também perdera o seu cargo de diretora, *M.me* M. G. partira para Paris, aonde se suicidara com um tiro de revolver na bôca.

Adelaide Ivone de Sousa.

De «Revista de Metapsicologia».

Um banqueiro holandês sonha com a Esfinge

«Two Worlds»

Arqueólogos egipcios grandemente impressionados. — Encontrada debaixo da areia uma escadaria oculta

Os membros do governo egipcio, particularmente os do Departamento do Ministério da Educação, recentemente ficaram aturdidos pela clarividência, em sonho, de um banqueiro holandês, sr. H. J. Kerkhof, relacionada a certos tesouros ocultos aos pés da Esfinge.

Segundo o *Journal Edmontou*, do Canadá, o banqueiro, que nunca esteve no Egito, escreveu ao governo egípcio pedindo permissão para verificar a exatidão de certos sonhos seus referentes à Esfinge. As autoridades locais condescenderam com o inocente capricho, e permitiram ao banqueiro satisfazer sua fantasia.

De acôrdo com a autorização, chegou êle ao Cairo, acompanhado da esposa, de um colega e respectiva mulher e um fotografo-artista, munido de uma série de informações que, segundo sua afirmativa, lhe fôra dada em sonho por

Akhenaton (Akhenaton fôra Rei da 18.ª dinastia — cerca de 1375 anos antes da Éra Cristã).

Outro Sonho

Acampado, em tendas, aos pés da Esfinge, o grupo foi, após algumas noites, presenteado com outro sonho, do qual resultou conduzir o banqueiro e os componentes da sua comitiva a um lugar debaixo do qual êle afirmou existir uma escadaria de 77 degraus que conduzia à base da Esfinge.

Subsequentes escavações encontraram vestígios de uma escadaria, durante séculos oculta sob as areias — e o Ministério se interessou pelo caso. Eles desenterraram-na quasi por completo.

O banqueiro, assim afirmam, em seguida predisse o encontro de uma câmara no fim da escadaria, na qual serão descobertas as múmias de um príncipe egípcio, sua mulher e quatro filhos, e igualmente grande quantidade de objetos de ouro.

Impressão dos Membros do Governo

As últimas notícias revelam que o Ministério está empenhado na escavação para a descoberta da câmara oculta, tão forte foi a impressão causada pelas faculdades clarividentes do banqueiro e cogitam mesmo nomeá-lo «adivinhador oficial»!

Ainda não chegaram novas notícias e, portanto, não sabemos se as últimas predições foram confirmadas.

Estranha Aventura

«Constancia»

«Em uma autobiografia — «*Africa Drums*» — Richard St. Barbe Baker, outróra funcionário florestal em Kenya e Nigeria meridional, cita uma das aventuras mais estranhas que podem ocorrer ao homem. Vivendo entre os africanos, conheceu muitos casos de transmissão do pensamento. Os naturais conheciam e ainda «viam», cousas que ocorriam a vários quilómetros de distância, por um misterioso poder de comunicação. Pergunta o autor se não são os tambores africanos os que criam a atmosfera propícia para a transmissão das mensagens mentais e a visão à grande distância que anulam o tempo e o espaço. De regresso a Londres, St. Barbe Báker não poude olvidar seus amigos africanos e os chefes com os quais tivera relações. A miudo, de noite, parecia-lhe estar mui perto daqueles homens, por cuja felicidade e bem-estar havia se preocupado, enquanto era funcionário florestal. Certa tarde foi ao bairro de Temple, em Londres, para tratar com Lord Lymington, de um plano de reflorestamento da Gran Bretanha. Lord Lymington residia em 2 Paper Buildings e dispondo o autor de alguns minutos antes do encontro, entrou na casa de 6 Crown Office Row, onde vivia uma senhora amiga.

«Antes de ter tempo—relata o autor — de tocar a campainha, a senhora abriu a porta e saudando-me apenas, fez-me entrar na sala, onde se encontrava uma senhora idosa que eu não conhecia. Mas tive a surprêsa de ouvir esta senhora falar-me com a voz de um velho chefe africano, a quem eu visitava a miudo nas serras de Kenya. Falava no dialéto do distrito, cheio de inquietude e veemência. Compreendi que havia dificuldades, algum êrro do governo que acarretava prejuizo para a tribu e creava descontentamento entre os indígenas mais jovens e revoltosos. Era evidente que, em consequência disto, poderia produzir-se grave situação. O chefe pedia o meu auxílio para sua tribu em um momento de crise. Respondi na mesma língua, apertando a mão da senhora, de acôrdo com o cerimonial da tribu dos Kiama, assegurando ao chefe que faria o possível para tirá-lo dos apuros Em seguida, como era preciso ir à conferência com Lord Lymington, retirei-me sem ocupar-me com a médium. Nessa mesma tarde, pus-me em comunicação com um amigo, funcionário do Ministério das Colonias, a quem forneci todos os dados que me havia proporcionado o chefe. Manifestei a êle o desejo de não revelar a fonte de minha informação, que lhe assegurei ser fidedigna, e pedi-lhe que sanasse a dificuldade criada à tribu dos Kiama. Assim o fez, e dois dias depois, recebi telegramas que confirmavam a mensagem que me fez chegar o velho negro».

Identidade de um Espírito

Um membro da S. P. R., Inglaterra, publicou interessante caso de identificação de um espírito que se resume no seguinte :

— «Pouco tempo depois do meu nascimento, diz o autor, um certo Joe Somers, casou-se com minha tia, Ana Wilder. Aparentemente Joe foi mau esposo, pois, três anos após seu casamento, abandonou a mulher e filhos, e nunca mais deu notícias de si.

Certa tarde, há poucas semanas, conversava eu com o sr. John Ticknor, sôbre negócios, quando êste, mudando de assunto, disse : «Um homem que diz chamar-se Joe Somers, está atrás de você».

John Ticknor que é notável psicómetra, ou metagnomo, recebeu u'a mensagem de Joe Somers, por via auditiva, em que êste tendo entrado no Regimento de Voluntários, na Comp. D., foi um dos primeiros a ser morto.

Em vista destas declarações, foram feitas investigações no Estado Maior, mas não foi encontrado o nome de Joe Somers na lista de soldados que pertenceram a êste regimento.

Dias depois, Somers deu outra mensagem a Ticknor. Nesta, foram transmitidos maiores detalhes.

«Você não poude encontrar meu nome na lista, porque eu me inscrevi em 16 de Abril de 1861, sob o nome de Carlos E. Thompson. Fui morto em 19 de Abril de 1861, pelos revolucionários, em Baltimore».

Recorreu-se novamente ás autoridades militares. A resposta foi :

«Boston, Abril 30, 1924. O nome de Carlos E. Thompson se acha nos arquívos da Comp. D. Sixth Mass, alistado em 16 de Abril de 1861. Morto em 19 do mesmo mês e ano, em Baltimore, Maryland».

Em outra comunicação, Somers refere as condições de sua nova vida.

Aprendi muitas cousas depois do meu desencarne. No começo, achava-me em estado de grande perturbação. Parecia-me não compreender o que me rodeava. Nada me era familiar. Achava-me desorientado. Senti a necessidade de desembaraçar-me de minhas aflições, afim de me habilitar para uma mudança de ordem superior em minha espiritualidade : daí a razão das mensagens a Ticknor».

De outra feita, êste mesmo espírito deu outros testemunhos, e depois, disse : «Voltei, eu tinha fechado o livro, mas desejava adicionar outra página. Fomos quatro a morrer ao mesmo tempo : Newton, Lang, Whitting e eu. Caimos com um intervalo de cinco minutos e à distância de 20 metros, uns dos outros».

Fez-se nova investigação e a Secretaria da Guerra de Massachussets, informou :

— «Lutero A. Lang e Ernesto E. Whitting, eram componentes da Comp. D. Ambos foram mortos em Baltimore, aos 19 de Abril de 1861.

— «Carlos E. Thompson (Joe Somers) caíu no mesmo lugar e na mesma ocasião.

— O nome do outro soldado, parece ser desconhecido, mas um Cabo chamado W. J. Needham foi morto juntamente em Baltimore com os mencionados soldados».

Possivelmente o espírito comunicante se referia a êste nome. De qualquer modo, a impossibilidade de obter o verdadeiro nome do último soldado, não tira o valor desta enorme série de identificações espíritas.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro :

Do 2.º ano Cr. $50,00	Do 4.º ano Cr.$ 50,00	Do 5.º ano Cr.$ 50,00
Do 6.º ano . . 50,00	Do 7.º ano . . 50,00	Do 8.º ano . . 50,00
Do 10.º ano . . 50,00	Do 11.º ano . . 60,00	Do 12.º ano . . 60,00
Do 13.º ano . . 60,00	Do 14.º ano . . 60,00	Do 15.º ano . . 70,00
Do 16.º ano . . 80,00	Do 17.º ano . . 60,00	Do 18.º ano . . 60,00
Do 19.º ano . . 60,00	Do 20.º ano . . 60,00	Do 21.º ano . . 60,00
Do 22.º ano . . 60,00	Do 23.º ano . . 60,00	Do 24.º ano . . 60,00

ESPIRITISMO NO BRASIL

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da reunião de 6 de Outubro de 1951

Por haver-se comemorado no dia anterior o segundo aniversário do «Pacto Áureo de Unificação do Movimento Espírita no Brasil», a reunião tratou exclusivamente das comemorações, porém muitos representantes ainda não haviam recebido relatórios dos respectivos Estados e o noticiário registrado em ata ficou muito incompleto.

Distrito Federal — A F. E. B. comemorou a data em sessão pública e fez o lançamento do romance «Ha dois mil anos...» em Esperanto, em primorosa tradução levada a efeito pelo representante de Pernambuco, e comemorou o natalício de Kardec com o lançamento do livro «Vade-Mecum Kardequiano», lançado com o prefácio datado de 3 de Outubro de 1951 e posto nas livrarias na mesma data. A Liga Espírita do Distrito Federal dirigiu convite à todas as sociedades adesas, para uma sessão solene que se realizou em 5, sob a presidência de Aurino Souto e como orador o confrade Dr. Miranda Ludolf.

São Paulo — Com a casa repleta, foi realizada sessão solene da U. S. E. com o concurso de todas as entidades federativas do Estado. A solenidade foi presidida pelo Dr. Castro Neves, presidente da U. S. E., e foram oradores: sôbre Allan Kardec, o Prof. Manso Vieira; sôbre o «Pacto Áureo», o Dr. Luiz de Oliveira Bastos, que relatou pormenorizadamente todas as atividades do C. F. N. Compareceu o Prof. Pedro Ubaldi, que se acha em visita ao nosso País, então realizando uma conferência doutrinária. A U. S. E. dirigiu apêlo a todas as entidades espíritas do Estado, para que comemorassem as duas datas.

Pernambuco — O Prof. Porto Carreiro Neto recebeu minucioso relatório de todos os trabalhos realizados nêsse Estado durante os quatro anos mais recentes na obra de unificação, notando-se que muito já foi feito no grande Estado nordestino.

Rio Grande do Norte — O representante deu notícia das atividades no Estado, onde com entusiasmo está sendo preparado o 2.º Congresso de Mocidades Espíritas do Nordeste, a realizar-se em Fevereiro de 1952, em Natal.

Paraná — A Federação Espírita Paranaense realizou sessão solene em Curitíba e providenciou para que todas as suas adesas comemorassem as duas datas.

Rio Grande do Sul — As comemorações solenes se realizaram no quadro do 2.º Congresso Espírita do R. G. S., reunido de 3 a 7 do mês, em Porto Alegre. A F. E. B. se fez representar pelo Cel. Felisberto Amaral Peixoto e remeteu, em discos fonográficos, saudações do seu 1.º Secretário e do 1.º Secretário do C. F. N. Do 2.º Congresso Espírita do R. G. S. foi recebida a seguinte mensagem telegráfica: «O 2.º Congresso Espírita do Rio Grande do Sul, em sessão plenária, ontem, por proposta da Delegação da Federação Espírita do Paraná, aprovou por unanimidade, de pé, com calorosa salva de palmas, a seguinte moção: «O 2.º Congresso Espírita do Rio Grande do Sul considera data de hoje 5 de Outubro de 1951 como dia festivo, porque lembra que, em igual data no ano de 1949, se realizou, na Federação Espírita Brasileira, a solidariedade das Federações Espíritas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, S. Paulo, Minas Gerais, unificação espírita. Aproveita ensejo congratular-se pelo acontecimento memorável, assinalando Pacto Áureo. — Pompilio, Presidente, Duilio, Secretário Geral».

Congresso de Estocolmo — O Presidente comunica que não recebeu resposta ao oficio dirigido à Federação Espírita Internacional e por isto a F. E. B. ficou impossibilitada de comparecer ao Congresso Internacional realizado na Suécia, em Setembro dêste ano.

Sessão em Ajabe — O 2.º Secretário dá conhecimento de atencioso ofício recebido do Japão, para uma grande sessão em benefício dos Espíritos desencarnados na Segunda Guerra Mundial, muitos dos quais ainda se acham em grande perturbação e cultivando ódios de nacionalidade, raças e partidos. A grande sessão realizada em Ajabe, no dia 1.º de Novembro pelo meridiano de Tóquio, ou seja,

na noite de 31 de Outubro para 1.º de Novembro pelo meridiano do Rio de Janeiro. O convite pede que, em caso de não poder remeter-se representante, remeta-se mensagem para ser lida na solenidade. O 2.º Secretário adianta que êle mesmo e o representante de Pernambuco já enviaram mensagens dirigidas aqueles Espíritos.

Pietro Ubaldi no Brasil

Após intensa atividade nos arraiais de Piratininga, seguiu o Prof. Ubaldi para Belo Horizonte em companhia de seus assistentes imediatos, Prof. Clovis Tavares e Batista Lino, inclusive uma comitiva expontânea de senhoras e amigos.

Durante 10 dias teve o «Místico da Umbria» de atender a uma série de compromissos imperiosos nos Institutos de Educação, Engenharia, Faculdades, visitas oficiais ás autoridades governamentais, entidades espíritas e espiritualistas, culminando a sua estada em sólo mineiro com a visita a Pedro Leopoldo, onde encontrou-se com o médium psicógrafo Francisco Candido Xavier. Durante os trabalhos alí realizados, ambos receberam páginas de inestimável valor doutrinário e de orientação que oportunamente serão publicadas.

Os trabalhos que alí se realizaram foram de caráter público no C. E. Luiz Gonzaga e também na Fazenda-Residência do Dr. Romulo Joviano.

De 20 a 30 de Agosto, a Caravana seguiu para Campos, Macaé, etc. no Estado do Rio, e a 1 de Setembro, já na cidade de Santos, ás 20,30 horas, no Auditórium do Ginasio Santista, após ser recepcionado condignamente, teve início a reunião, ouvindo-se de início, a palavra do Prof. Mario Alcantara, Presidente da Camara Municipal de Santos. Respondeu à saudação, em italiano, o Prof. Ubaldi, dizendo-se encantado sobremaneira por tudo que vinha recebendo dos amigos do Brasil. Em seguida o Prof. Clovis Tavares leu a conferência da noite em português e, após 90 minutos, discorridos fluentemente pelo mesmo, palmas vibrantes coroaram os trabalhos oferecidos, dentro de uma atmosféra sadia e que deixou a todos encantados.

Na manhã seguinte, deixava a Caravana a terra de Braz Cubas, e entrando no Estado, visitou: Piracicaba, Catanduva, Rio Preto, Araraquara, Franca, Ribeirão Preto, Baurú, Pinhal, Jundiaí, Taubaté e Guaratinguetá. De volta novamente a São Paulo, teve ocasião o Prof. Ubaldi de apresentar-se no Instituto Caetano de Campos, onde, sob o patrocínio do Grêmio da Faculdade de Filosofia da Universidade de S. Paulo, presentes os Srs. Representantes do Governador do Estado, Magnifico Reitor e Prefeito da Capital respectivamente: Tenente Auro Champanham, Capitão Djalma Ramos Arantes e Capitão Genesio Nitrini. A reunião esteve sob a orientação do Presidente do Grêmio, Academico José Resstel, coadjuvado pelas Srtas. Maria Sabina Kaundman e Maiah Pinsard, Diretoras do Grêmio.

A saudação da noite ao Prof. Ubaldi, foi feita pelo Sr. Dr. Murilo Matos Faria, Juiz de Direito do Tribunal de Justiça do Estado.

Na noite de 3 de Outubro, sob o patrocínio do Departamento de Cultura da Associação Paulista de Medicina, perante um seléto e numeroso público, inclusive médicos de renome, foi o Prof. Ubaldi apresentado, através da palavra esclarecida do Dr. Sergio Vale, em magnifica oração. Em sequência, o Prof. Ubaldi agradeceu em italiano e o tema da reunião foi lido pelo confrade Farmacêutico Carlos Jordão da Silva.

A's 20,30 horas da noite de 4, conferência no Instituto de Engenharia. Apresentação do Prof. pelo ilustre confrade, Engenheiro Plinio Branco e leitura, em português, da conferência pelo Prof. Clovis Tavares.

Finalmente, na noite de 5 de Outubro, em comemoração à Semana de Kardec, sob os auspícios da Federação Espírita do Estado, no salão nobre Bezerra de Menezes, houve uma solenidade especial, fazendo-se ouvir diversos oradores. Ao Prof. Ubaldi, pelo grupo dirigido pelo confrade Julio Abreu Filho, foi oferecido delicado e original mimo ou seja: um quadro do Messias, todo bordado a mão e recebido por via mediúnica, através de distinta médium pintora, cuja apresentação, causou uma impressão altamente significativa. Nessa noite, a palestra foi lida por Batista Lino. Como de costume, o Prof. Ubaldi tomou a

tribuna para deixar gravada no coração da numerosa assistência, a sua palavra já conhecida, sincera, vibrante e cheia de fé cristã. Não sabia, disse, traduzir mais as gentilezas e carinhos que se acumulavam em sua alma, através de inequivocas demonstrações recebidas no país.

Na semana seguinte, dirigiu-se o Prof. Ubaldi para o Norte do país, visitando os Estados da Bahia, Ceará, etc., e voltando do norte, seguiu a 13 do mês p.p. para as visitas finais aos Estados do Sul, ou seja: Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A 30 de Outubro regressava a S. Paulo para um merecido descanso, e após 4 meses e tanto de atividades ininterruptas, deverá nos meados de Novembro, retornar à Itália. Como naturalmente ha muito interêsse e ansiedade para um relato claro do que foi a estada no país do Prof. Ubaldi, devemos esclarecer aos leitores, assinantes e amigos da Revista que os patrocinadores da vinda do Prof. Ubaldi ao Brasil, darão dentro em breve à publicidade, um relato completo enfeixado em volume, satisfazendo assim aos numerosos confrades que não tiveram oportunidade de poder, por vários motivos, conhecer-lhe as conferências realizadas, etc., etc.

Certos de que procuramos, dentro de nossas possibilidades, cooperar nas páginas desta Revista, com êsse minúsculo trabalho em duas modestas crônicas, pedimos escusas aos que desejariam uma reportagem completa de Pietro Ubaldi, pedindo pois, dirigirem-se à «Comissão Patrocinadora Pró Visita de Pietro Ubaldi ao Brasil», para assim obterem maiores esclarecimentos sôbre o que será oportunamente publicado.

A «Revista Internacional do Espiritismo», formula votos ao Prof. Pietro Ubaldi de um feliz retorno à pátria de Dante, e eleva ao Alto seus pensamentos e vibrações de reconhecido agradecimento, pelos maravilhosos trabalhos que daquí por diante mais unificarão os homens sob a legenda do Amor Universal.

Aos ilustres patrocinadores, membros de Comissões, que não mediram esfôrços, cooperando por todos os meios para que a visita de tão ilustre hóspede repercutisse de maneira tão intensa em terras de Santa Cruz, deixamos aquí expressos nossos sinceros cumprimentos e votos de perene progresso espiritual.

Vicente S. Neto.

S. Paulo, 2 de Outubro de 1951.

Aos nossos prezados Assinantes e Representantes locais

Em vista das grandes dificuldades por que estamos passando em virtude da falta de pagamento das assinaturas desta publicação, da parte de inúmeros assinantes, onde os nossos representantes-viajantes não chegam, solicitamos aos mesmos, encarecidamente, o obséquio de saldarem seus débitos, procurando os nossos representantes locais ou nos remetendo as respectivas importâncias pelo correio, por vale postal ou sob registro, com valor declarado,

Solicitamos também aos nossos representantes locais, o obséquio de procurarem receber as assinaturas e enviarnos as importâncias recebidas, sem as quais não podemos dar cumprimento à tarefa que nos é comum — propagar a Doutrina.

Certos de sermos atendidos nêste justo pedido, nos subscrevemos agradecidos,

A Redação.

Muito embora a bomba e o canhão tenham parte ativa na evolução das creaturas, não será o temor que conseguirá fazer com que os homens se amem fraternalmente. O amor fraterno, que é o amor que Jesus ensinou e exemplificou, só poderá existir entre os homens pela compreensão e prática dos preceitos evangélicos. E o Espiritismo, com a vossa cooperação e boa vontade, fará imperar entre os homens o amor fraterno, que é a porta que dá entrada para o reino dos céus.

CAIRBAR.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Elucidações Evangélicas
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.° e 2.° vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	,,	,,	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	50,00
	Semestre —	,,	,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro